

**SÍNDROME DE ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO EM CÃES ATENDIDOS NA
CLÍNICA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA**
**(Separation Anxiety Syndrome in dogs attended in Severino Sombra
University Veterinary Clinic)**

Guilherme Marques Soares, Nivea Maria Vasconcelos, Paulo Henrique Simoes
Fernandes, Bárbara Cruz Tavares de Macedo Fernandes

*Correspondência: gsoaresvet@gmail.com

RESUMO: A Síndrome de Ansiedade de Separação (SASA) é definida como sendo o conjunto de comportamentos indesejáveis manifestados pelos cães em resposta ao fato de terem sido deixados sozinhos ou afastados da pessoa de referência. Os principais sinais apresentados são: vocalização excessiva, destruição de objetos, defecação e micção em locais inadequados. A hipervinculação do animal à figura de apego é apontada como uma condição necessária à SASA. Este estudo teve como objetivo verificar a existência da Síndrome de Ansiedade de Separação (SASA) em cães atendidos na Clínica Veterinária da Universidade Severino Sombra, entre os meses de fevereiro a julho de 2013. Foram encontradas 188 fichas de cães aptos para o estudo e, após entrevistas pelo telefone, obteve-se um total de 70 responsáveis para fazer parte da amostra do presente estudo. Os resultados mostraram que 31% (22/70) dos cães apresentavam comportamentos que caracterizam a hipervinculação com seus tutores e 17,1% (12/70) foram considerados positivos para a SASA. Conclui-se que em relação às demais pesquisas realizadas no Brasil nos últimos anos, a incidência de animais com SASA na Clinica da USS foi relativamente baixa.

Palavras-chave: bem-estar animal; epidemiologia; comportamento animal;

ABSTRACT: The Separation Anxiety Syndrome (SASA) is defined as the set of undesirable behaviors manifested by dogs in response to having been left alone or removed from the reference person. The main presenting signs include excessive vocalization, destruction of objects, defecation and urination in inappropriate places. The animal's hyperattachment to the attachment figure is seen as a necessary condition for SASA. This study aimed to determine the incidence of the Separation Anxiety syndrome (SASA) in dogs treated at the Veterinary Clinic of the University Severino Sombra, between the months from February to July 2013. Were found 188 records of dogs able to study and, after telephone contacts, was obtained a total of 70 responsible for the sample of this study. The results showed that 31% (22/70) of dogs had behaviors that characterize hyper attachment to their tutors and 17.1% (12/70) were positive for SASA. It is concluded that in relation to other studies conducted in Brazil in recent years, the incidence of animals with SASA in the USS Clinic is relatively low.

Key Words: animal welfare; animal behavior; epidemiology

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Ansiedade de Separação (SASA) é um distúrbio comportamental que acomete alguns animais domésticos, quando estes são deixados sozinhos ou são separados da figura de vínculo, que pode ser um ser humano ou outro animal (Appleby e Pluijmakers, 2003; Soares et al, 2010). No cão, esse distúrbio é caracterizado por : destrutividade e comportamentos de fuga, micção ou defecação em locais impróprios; vocalização excessiva., inquietação motora, tais como andar em ritmo circular, ou se lamber excessivamente. (McCrae, 1991; Appleby e Pluijmakers, 2003; Sherman, 2008) Também podem mostrar sinais de excitação autonômica, tais como taquicardia, taquipneia, tremor, salivação excessiva ou diarreia (King et al, 2000; Appleby e Pluijmakers, 2003; Sherman, 2008).

A hipervinculação é consequência da necessidade que espécies altamente sociais como os cães têm de manter contato e coesão dentro do grupo (Landsberg et al, 2004) e é apontada como uma condição necessária à SASA (McCrae, 1991). Manifestações típicas de hipervinculação estão associadas às atividades do cão em torno da figura de apego, quando presente, tais como seguir o tutor pela casa, alterar o comportamento nas partidas do responsável e mostrar extrema excitação ao retorno deste (Appleby e Pluijmakers, 2003; Soares, 2007).

Estima-se que aproximadamente 14% dos cães que surgem na rotina clínica dos médicos veterinários dos EUA, do Canadá e da Austrália sofrem de SASA (Overall, 2001; Denenberg et al, 2005), podendo esta percentagem chegar a 40% (Seksel e Lindeman, 2001). A SASA representa o segundo problema comportamental mais importante em cães, sendo diagnosticada em 20 a 40% dos cães na

América do Norte (Flannigan e Dodman, 2001). No Brasil, resultados de estudo realizado em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro, mostram que 59,2% (61/103) dos cães apresentam problemas comportamentais decorrentes da SASA (Soares et al, 2010). Outro estudo (Novais et al, 2010), com objetivo de realizar um levantamento sobre a ocorrência da SASA em cães assistidos em um hospital veterinário de Fernandópolis-SP, mostrou que 68% (51/75) desses animais apresentam incidência da SASA, sendo a micção em local impróprio e a vocalização excessiva os sinais mais evidentes em fêmeas e machos adultos. Entre os animais jovens a destruição de objetos é o sinal mais observado.

O presente estudo se mostra relevante por considerar que a Medicina do Comportamento, ou Etiologia Clínica, é uma área da Medicina Veterinária que precisa de maior atenção por parte dos clínicos de pequenos animais, já que um conceito mais abrangente de saúde deve ir além da saúde física. É importante que o médico veterinário esteja ciente dos problemas comportamentais atuais e entenda a melhor forma de aconselhar os clientes na prevenção e manejo, pois, além de representarem um problema ao bem-estar do animal, são causas importantes de abandono e eutanásia nos animais de companhia. Dessa forma, estudos descritivos que relatam a ocorrência de distúrbios comportamentais em cães que vivem em áreas urbanas são de suma importância, em decorrência da grande carência de dados epidemiológicos sobre tais transtornos.

Sendo assim, o objetivo principal do presente trabalho foi verificar a incidência da SASA em cães atendidos na Clínica Veterinária da Universidade Severino Sombra (USS), no período de fevereiro a julho de 2013, além de buscar possíveis comorbidades e traçar um

perfil epidemiológico dos cães portadores da SASA.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório de caráter descritivo, que teve como cenário a Clínica Veterinária da Universidade Severino Sombra (USS), localizada no município de Vassouras - RJ.

O estudo foi realizado com pessoas que levaram seus cães à Clínica Veterinária da USS no período de fevereiro a julho de 2013. Os contatos dessas pessoas foram obtidos nas fichas do arquivo da clínica e, após contatos telefônicos, foram incluídos na pesquisa responsáveis de cães que concordaram em participar do estudo respondendo à pesquisa telefônica. Foram excluídos da pesquisa os filhotes de cães (com idade inferior a um ano) como os responsáveis cujos contatos não foram possíveis de realizar.

De fevereiro a julho de 2013, 311 animais foram atendidos na Clínica Veterinária da USS, distribuídos entre 24 gatos e 287 cães.

Entre a população canina atendida, foram excluídos 99 animais, por serem filhotes (idade inferior a um ano). Dos 188 responsáveis contatados, foi obtida uma amostra de 70 respondentes.

Todos os participantes concordaram em fornecer seus nomes para que fossem anexados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após a leitura do mesmo pelo entrevistador.

Um único entrevistador fez todos os contatos telefônicos e as respectivas aplicações dos questionários. Os dados foram coletados por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas. O questionário foi construído com os mesmos critérios de Soares e colaboradores (2009), acrescido de

dados para tentar identificar possíveis comorbidades após avaliação estatística dos resultados.

Foram considerados como positivos para SASA os cães que apresentaram pelo menos um dos principais sinais como vocalização, destrutividade, defecação e micção em locais inadequados, associados à hipervinculação, como acompanhar a pessoa de vínculo pela casa, agitação e vocalização quando a pessoa se prepara para sair ou retorna para casa. A hipervinculação sem os sinais supracitados não caracterizava SASA nos animais.

Para verificar a hipervinculação foram propostas três perguntas. A primeira, fechada, cabia ao tutor, responder sim ou não; a segunda e a terceira tinham quatro e cinco possibilidades de respostas respectivamente, com a possibilidade de apontar mais de um item do grupo de respostas. Fizeram parte desse domínio as seguintes perguntas: (1) O cão, se possível, tenta acompanhar os passos de alguém da família quando esta está em casa? (2) Como o cão se comporta quando as pessoas se preparam para sair de casa? (3) Como o cão se comporta quando as pessoas retornam para casa?

Para a análise e tratamento estatístico foi realizado o teste de Qui-quadrado com correção de Yates com o programa Biostat® 5,0. O nível de significância para todas as análises foi de 5% ($\alpha = 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que 55 cães (78,6% - 55/70) nunca ficaram sozinhos em casa. Entre os cães que ficam sozinhos por algum período, prevaleceram aqueles que ficam entre 3 a 9 horas, abrangendo 10 cães. O percentual de cães que nunca ficava sozinho em casa

pode ter influenciado os resultados de duas formas: (1) por nunca ficarem sozinhos, ficar sozinho se tornaria um grande agente ansiolítico, ou (2) como nunca ficam sozinhos, seus tutores não percebem os sinais de SASA. Não deixar o cão sozinho em casa por causa da SASA pode causar um forte impacto na qualidade de vida dos tutores (Soares et al, 2012).

Dos 70 animais avaliados, 12 (17,1% - 12/70) apresentaram sinais compatíveis com a SASA. Do total de cães avaliados, a maioria (78,6% - 55/70) tinha acesso ilimitado à parte interna da residência. Pode-se inferir que a restrição ao espaço interno da casa não apresentou relação com a SASA neste estudo, pois todos os animais positivos para a SASA tinham acesso ao interior da casa. Estudo realizado por Soares e colaboradores (2010) obteve resultados semelhantes, no qual a maioria dos cães não tinha restrição alguma de ficar dentro da residência. Novais e colaboradores (2010) encontraram percentual mais elevado de SASA. Entre os 75 animais que compuseram a amostra de seus estudos, 68% apresentaram o distúrbio, assim como outro estudo que encontrou 59,2% de cães positivos para SASA (Soares et al, 2010).

Ainda que se tenha encontrado percentual menor de cães com suspeita de SASA atendidos na Clínica Veterinária da USS, em termos epidemiológicos, pode-se afirmar que os resultados encontrados são relevantes, embora a incidência seja menor que a encontrada em outros estudos (Novais et al, 2010; Soares et al, 2010).

Em relação à hipervinculação, verificou-se que a maioria dos cães (65,7% - 46/70) tentava acompanhar os passos de alguma pessoa da família quando esta estava em casa. Novais e colaboradores (2010) verificaram em seus estudos que as manifestações típicas de hipervinculação ocorreram em 88% dos cães avaliados, incluindo o ato

de seguir o tutor pela casa (inclusive dentro do banheiro), deitar-se próximo ao mesmo e solicitar contato contínuo, manifestando inquietação quando submetido à separação temporária, mesmo quando o proprietário encontrava-se em casa. Em outro estudo brasileiro (Soares, 2007) encontrou-se um número elevado de animais (71,4% - 30/42) que apresentavam hipervinculação mesmo caracterizados como negativos para a SASA. Embora essa característica seja necessária para o diagnóstico da SASA, ela pode ocorrer sem que a síndrome ocorra (Soares, 2007).

Após a avaliação dos dados, observou-se que os sinais de SASA mais frequentes entre os positivos foram: vocalização excessiva (33,3% - 4/12) e destruição de objetos (33,3% - 4/12), seguida por micção em locais inadequados (25,0% - 3/12), além de quadros depressivos (25,0% - 3/12). Esses resultados se assemelham com outras pesquisas (King et al, 2000; Novais et al, 2010; Soares et al, 2010), nas quais a vocalização excessiva também foi o sinal mais frequente entre os cães com SASA. Em relação aos quadros depressivos, outro estudo (Soares, 2007) relatou incidência de 31,1% (19/61) entre os positivos para SASA.

No presente estudo não houve um detalhamento metodológico sobre raças, com isso, não houve número suficiente de indivíduos de uma mesma raça que pudesse gerar comparações estatisticamente significativas. Portanto, não houve diferença significativa entre raças no desenvolvimento da SASA. Beaver (2001) afirma que ocorrem diferenças raciais com relação ao comportamento, no entanto, podem ocorrer problemas com uma raça particular, de acordo com a sua popularidade, sua localização geral e o tempo. Ocorrem tendências nacionais, mas o fato de que determinadas raças se

posicionam no topo da lista de cães-problemas pode não ser significativo. A incidência relativa de um problema comportamental específico em uma raça pode variar com a localização. Uma razão é que uma raça possa ser mais popular em uma área que em outras. A incidência de um problema comportamental dentro de uma determinada raça pode variar também com o momento histórico (Beaver, 2001). Em relação ao sexo do cão, não houve diferença significativa ($\chi^2 = 0,391$; $p = 0,7615$), embora tenha havido uma prevalência de fêmeas (67,0% - 8/12) entre os positivos para SASA.. Assim como não foi significativo o fato do animal ser ou não castrado no desenvolvimento de SASA ($\chi^2 = 1,232$ e $p = 0,4755$). Segundo Teixeira (2009), em relação aos canídeos, as variáveis status reprodutivo e alterações comportamentais foram estatisticamente dependentes. No mesmo estudo (Teixeira, 2009), verificou-se ainda que entre os cães castrados, 20% apresentaram algum tipo de alteração comportamental após castração.

Do total de cães ($n=38$) que foram levados à Clínica por motivo de enfermidades diversas (nenhum levado por questões comportamentais), 10,5% ($n=4/38$) apresentam sinais positivos para a SASA. Diante deste resultado, verificou-se a possibilidade de relação da SASA com a enfermidade do animal. No entanto, os resultados obtidos mostram que não existe correlação entre a SASA e enfermidades concomitantes ($\chi^2 = 2.562$; $p = 0.1997$). Também não foi feito um detalhamento em relação às enfermidades devido à variedade de enfermidades encontradas, o que impossibilitou agrupamento para análises estatísticas.

Não houve relação significativa entre idade e SASA ($X^2=1,126$; $p=0,462$), embora houvesse prevalência de animais com idade superior a cinco anos no grupo de animais com SASA

(4/12). Uma alteração no padrão de comportamento foi observada por Soares (2007), o grupo de animais considerado positivo para SASA e com mais de sete anos de idade mostrou um padrão de reações à partida do tutor diferente daquele apresentado pelo grupo de positivos para SASA com menos de sete anos. O grupo de idosos, ao antecipar a partida do tutor, comportou-se de maneira mais passiva, se isolando em um local específico e remoto da casa, o que pode sugerir uma forma de adaptação a uma realidade imutável para esses animais.

Entre os diversos tipos de traumas, os mais apontados pelos tutores de forma geral ao responderem os questionários foram agressão por outro animal ou pessoa, atropelamento, introdução de um novo elemento na casa (animal ou pessoa) e mudança de casa. Entretanto destacaram-se as fobias por sons traumatizantes (fogos de artifícios, barulho de carro e trovoada). No total da amostra constatou-se que 84,3% (59/70) cães tinham medo de sons traumatizantes. Entre os cães negativos para SASA, 84,4% (49/58) manifestavam este tipo de fobia, e, entre os cães positivos para a SASA, 83,3% (10/12) também tinha fobia de sons traumatizantes.

CONCLUSÃO

Foram observados 12 casos de SASA no município de Vassouras no total de 70 animais avaliados. Porém, não foram encontradas comorbidades significativas em virtude do pequeno número de cães com SASA identificados neste estudo. Também não foi possível traçar um perfil epidemiológico devido ao pequeno número de animais com SASA. Para traçar o perfil epidemiológico e identificar comorbidades poderia ser feito um estudo considerando maior intervalo de tempo para avaliação. Sugere-se assim,

a realização de novo estudo com período de abrangência maior para busca de comorbidades e perfil epidemiológico.

NOTAS INFORMATIVAS

O projeto de pesquisa foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da USS, com o número de parecer 375.856.

REFERÊNCIAS

- APPLEBY, D.; PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs: the function of homeostasis in its development and treatment. Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v.33, n.2, p.321-344, 2003.
- BEAVER, B.V. Comportamento Canino: um guia para veterinários. São Paulo: Roca, 2001. 431p.
- DENENBERG, S.; LANDSBERG, G.M.; HORWITZ, D.; et al. A Comparison of Cases Referred to Behaviorists in Three Different Countries, in: MILLS, D.; LEVINE, E.; LANDSBERG, G.; et al. Current Issues and Research in Veterinary Behavioral Medicine: Papers Presented at the 5th International Veterinary Behavior Meeting, Indiana: Purdue University Press, 2005, p.56-62.
- FLANNIGAN, G.; DODMAN, N.H. Risk factors and behaviors associated with separation anxiety in dogs. Journal of the American Veterinary Medical Association, v.219, n.4, p.460-466, 2001.
- KING, J.N.; SIMPSON, B.S.; OVERALL, K.L et al. Treatment of separation anxiety in dogs with clomipramine: results from a prospective, randomized, double-blind, placebo-controlled, parallel-group, multicenter clinical trial. Applied Animal Behaviour Science, v.67, n.4, p.255-275, 2000.
- LANDSBERG, G.M.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. Problemas comportamentais do cão e do gato. 2 ed., São Paulo: Roca, 2004. 492p.
- MCCRABE, E. A. Diagnostic criteria for separation anxiety in the dog, Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v.21, p.247-256, 1991.
- NOVAIS, A.A.; LEMOS, D.S.A.; FARIA JUNIOR, D. Síndrome da ansiedade de separação (SAS) em cães atendidos no Hospital Veterinário da UNICASTELO, Fernandópolis, SP. Ciência Animal Brasileira, v. 11, n. 1, p. 205-211 2010.
- OVERALL, K.L. Pharmacological Treatment in Behavioural Medicine: The Importance of Neurochemistry, Molecular Biology and Mechanistic Hypotheses, The Veterinary Journal, v. 162, p. 9-23, 2001.
- SEKSEL, K.; LINDEMAN, M.J. Use of clomipramine in treatment of obsessive-compulsive disorder, separation anxiety and noise phobia in dogs: a preliminary, clinical study, Australian Veterinary Journal, v. 79, n. 4, p. 252-256, 2001.
- SHERMAN, B.L. Separation Anxiety in dogs. Compendium Veterinary, v.1, p.27-42, 2008.
- SOARES, G.M. Levantamento da presença de sinais de ansiedade de separação em case de apartamento em Niterói - RJ.2007, Niterói, 81f Dissertação [Mestrado em Medicina Veterinária] –Programa de Pós Graduação em Medicina Veterinária – Clínica e Reprodução Animal. Universidade Federal Fluminense.
- SOARES, G.M.; TELHADO, J.; PAIXÃO, R.L. Construção e validação de um questionário para identificação da Síndrome de Ansiedade de Separação em cães domésticos. Ciência Rural, v.39, n.3, 2009.
- SOARES, G.M.; TELHADO, J.; PAIXÃO, R.L. Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento. Ciência Rural, v.40, n.3, p. 548-553, 2010.
- SOARES, G.M.; TELHADO, J.; PAIXÃO, R.L. Avaliação da percepção de proprietários de cães residentes em apartamentos no município de Niterói-RJ sobre os sinais da síndrome de ansiedade de separação em animais. Archives of Veterinary Science, v.17, n.2, p.10-17, 2012.
- TEIXEIRA, E.P. Desvios comportamentais nas espécies canina e felina panorama actual e discussão de casos clínicos. 2009. Lisboa. 100f. Dissertação [Mestrado em Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais] - Faculdade de Medicina Veterinária. Universidade Técnica de Lisboa.